

Publicação O Jor Data 03/18/79
 Localidade Brasília Página 11
 Tendência Política _____
 Frequência Diária Tiragem aproximada _____ mil ex.

Como os portugueses — sinônimo, no Brasil, de machão, exagerado nas formas de afirmação sexual e de superioridade masculina — estão recebendo a idéia de ter um Governo chefiado por uma mulher?

Em 800 anos de história, é a terceira vez que Portugal é governado por uma mulher.

Antes da engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, Primeiro-Ministro designada pelo Presidente Ramalho Eanes — Portugal teve duas rainhas (por sinal também Marias) nos séculos XVIII e XIX. E nesses casos pode-se dizer que foram acidentes de sucessão em casas reais.

O caso atual, porém, que só foi possível graças à queda da ditadura salazarista e ao estabelecimento do regime democrático em Lisboa, significa pura e simplesmente o reconhecimento da competência de uma mulher vista como um cidadão qualquer, sem discriminação de sexo.

Jamais o caviloso e caprichoso Salazar, um declarado e solene asceta, ex-seminarista solteirão, ousaria experimentar num posto-chave de governo uma mulher, mesmo se tratando de uma líder católica, discreta e respeitável como dona Maria de Lurdes: no antigo regime português ela já havia atingido o máximo para uma mulher, diplomando-se numa universidade em assunto técnico e participando de grupos de planejamento industrial, de projetos na área de energia nuclear e numa procuradoria da Câmara Corporativa, uma instituição fascista que substituiu o Poder Legislativo.

Maria de Lurdes Pintasilgo, porém, hoje com 49 anos, sobreviveu e ultrapassou o obscurantismo salazarista e subiu ao Governo no dia seguinte à queda da ditadura, em 1974, participando do primeiro governo da Revolução dos Cravos, chefiado pelo primeiro-ministro conservador Palma Carlos, designado pelo general Spínola.

No momento em que foi chamada pelo Presidente Eanes para ser designada Primeiro-Ministro, Pintasilgo exercia as funções de embaixadora de Portugal junto à Unesco, em Paris.

Não se trata de uma bela mulher, mas de uma senhora gorducha, extremamente simpática, com gestos cordiais, porém autoritários, de palavra firme e que se orgulha de não ter sido, em toda sua vida, uma carreirista.

— Como pode verificar pelo currículo — disse a um repórter do semanário "O Jornal", de Lisboa — a minha história é tudo menos uma carreira.

Tal declaração nasceu de uma pergunta sobre se não temia ser acusada de aproveitar-se da missão que recebeu — chefiar o Governo apenas por 100 dias, para promover eleições legislativas destinadas a renovar o parlamento de Portugal — para fazer carreira política e consolidar-se no poder.

O caráter transitório do seu Governo não lhe dispensou de obter o apoio do Partido Socialista, de Mário Soares, o mais forte partido de Portugal, e do Partido Comunista, de Alvaro Cunhal, o Nº 3 em número de cadeiras no Parlamento. Contra ela, manifestaram-se o Partido Social Democrático, de Sá Carneiro, e o Centro Democrático Social, de Freitas do Amaral, que se situam "à direita".

Pintasilgo é o que se chama de uma "católica progressista", mas extremamente ortodoxa. Mora numa comunidade religiosa leiga, "Graal", uma espécie de residência de militantes católicas que é muito disseminada na Europa. Nada tem de marxista e recusa mesmo atribuir contexto ideológico ao seu governo.

Obtendo um voto de confiança do Parlamento (graças às esquerdas) para realizar eleições dentro de três meses, Pintasilgo está causando orgulho aos portugueses, pela sua eloquência e sabedoria.

Por exemplo: ao sair do Palácio de Belém (onde estão os escritórios do Presidente Eanes), já designada Primeiro-Ministro, falou aos jornalistas não apenas em português, mas também em inglês, francês e alemão, pois havia muitas câmaras e correspondentes de televisão dos vários países europeus.

Foi nessa entrevista que também revelou seu senso de humor. Os jornalistas lhe perguntaram se não estava havendo uma moda de mulheres subirem ao poder, como a ascensão recente de Margaret Thatcher, na Inglaterra — e Pintasilgo respondeu:

— Só foi pena não termos sido nós a começar. Mas, enfim, foram também os ingleses quem primeiro divulgaram o vinho do Porto...

Sua objetividade política também se revelou quando lhe perguntaram se não era preciso mudar a Constituição, acusada de excessivamente socializante:

— Não, longe disso. A Constituição está longe de ser aplicada naquilo que tem de mais inovador. (...) O que ficou na sombra é aquilo que na nossa Constituição pode ser caminho de resposta às aspirações que são próprias do nosso tempo e que nós, porque estivemos numa fase revolucionária, podemos exprimir de formal, talvez selvagem mas certamente mais maciça e mais global do que em outros países.